

TRADUÇÃO

RELATANDO A MEMÓRIA. IDENTIDADES INDIVIDUAIS E COLETIVAS NA KOSOVO DE PÓS-GUERRA: OS ARQUIVOS DA MEMÓRIA*

Silvia Salvatici**

*Tradução: Helen Hughes e
Yara Khoury****

(Ser um refugiado) é a mesma coisa que estar perdido, como uma pessoa perdida. Talvez existiam chances de uma vida nova, mas em se tratando do passado... não levei nada do passado comigo exceto minha família, porque tudo o que restou do passado e todas as memórias foram deixadas para trás...

Gentiana¹

Introdução

Este ensaio é uma primeira análise de materiais coletados para os Arquivos da Memória em Kosovo. Esses documentos foram reunidos como parte do projeto Trauma e Resposta Psicossocial, que serviu principalmente como um curso de treinamento para consultores psicossociais.² A primeira parte do relatório descreve o ambiente geográfico e social onde a pesquisa aconteceu, assim como os métodos usados para sua elaboração. A parte seguinte enfoca as lembranças do passado e a percepção do presente, em que narrativas de sofrimento parecem dirigir-se à construção de uma identidade nacional monolítica. Não estando unificadas, aparecem fragmentadas em divisões socioculturais, geracionais e de gênero. Por último, o ensaio analisará as diferentes narrativas, observando como suas fragmentações seguem rupturas e continuidades produzidas e/ou reforçadas pela experiência de conflito e pela construção de memórias nas comunidades kosovares, tanto no nível individual quanto no coletivo.

Trabalho de campo dos alunos

O material coletado em Kosovo para os Arquivos da Memória foi produzido em parte dentro da estrutura de exercícios de treinamento para consultores psicossociais e em parte através de atividades específicas de pesquisa. Ao discutir o material que foi coletado durante o curso de treinamento, referi-me principalmente aos documentos compilados, durante a primeira fase, sobre o relacionamento entre memória e atividades psicossociais. Os estudantes foram então preparados para as tarefas de entrevista e divididos em pequenos grupos. Durante o trabalho de campo, eles colheram quinze entrevistas, algumas em Pristina³ e outras nas aldeias localizadas perto da capital regional ou em municípios vizinhos. Todas as entrevistas foram feitas dentro da comunidade albanesa kosovar à qual os alunos pertencem. Uma diversidade de sujeitos foi entrevistada (crianças, adolescentes, adultos e idosos de ambos os sexos) e as conversas geralmente aconteceram no contexto familiar, possibilitando, assim, que outros membros da família pudessem participar. Exceções a esse procedimento foram as entrevistas dirigidas a grupos específicos de pessoas (uma sala de aula de crianças e estudantes em um dormitório feminino, por exemplo). A maioria das pessoas entrevistadas haviam tido uma ou mais experiências de perda de entes queridos. Os estudantes tinham previamente identificado alguns como “casos” em que o apoio psicológico era necessário. Em algumas entrevistas, foi usado um roteiro de perguntas organizado de antemão, embora ele não tenha sido seguido ao pé da letra.

As entrevistas focalizaram a experiência de guerra, o exílio e o retorno, e foram concebidas como um primeiro passo no estabelecimento de um relacionamento com pacientes potenciais. Em muitos casos, porém, as entrevistas também se tornaram uma primeira fase de tratamento, pois compartilhar essas memórias ajudou a construir uma base de confiança e segurança entre os dois interlocutores. Esse último resultado foi possível, em primeiro lugar, porque os entrevistadores não só falavam a mesma língua e pertenciam ao mesmo contexto cultural que os entrevistados, mas também tinham vivido a guerra. Além disso, os próprios estudantes tendiam a dar um significado especial às entrevistas, já que elas eram consideradas evidências de violências sofridas por albaneses e vistas como estratégias que poderiam ser usados para incriminar os sérvios. Essa postura levou-nos a lembrar uma atitude mais geral, que foi compartilhada pelos entrevistados e prevalecia nas discussões.

Como já comentamos, o material coletado em Kosovo para os Arquivos da Memória também consiste em documentos coletados ou “produzidos” através de atividades específicas de pesquisa. Até agora, o material enviado aos Arquivos tem sido significativamente variado. Se, por um lado, a coleta atendeu a nossos pedidos e expectativas, por outro, a lista de materiais incluía itens considerados apropriados para os Arquivos da Memória. Um exemplo disso veio de um menino, que contribuiu com seu *green card* – documento de identidade emitido pelo Ministério do Interior sérvio a todo cidadão albanês ainda morando em Kosovo entre abril e maio de 1999. O *green card* foi-nos entregue com uma breve escrita sobre os diferentes objetivos atribuídos a esse documento pela imaginação coletiva popular. Uma contribuinte, uma mulher, queria que os desenhos da sua filha de 6 anos fossem preservados nos Arquivos da Memória, ilustrando a experiência de guerra e exílio. Outra mulher entregou seus próprios desenhos, feitos entre 1998 e 1999. Havia até um menino querendo nos dar as cartas que tinha recebido de seu irmão, ainda preso na Sérvia. Também recebemos vários diários escritos durante a guerra, que acrescentaram de muitas formas diferentes itens que documentam a experiência do conflito.

Com exceção de alguns casos, porém, foram as pessoas diretamente envolvidas no projeto (estudantes, profissionais locais, equipe local) que cederam documentos. Isso talvez tenha sido simplesmente pelo fato de terem conhecimento sobre os Arquivos (de fato, o projeto foi amplamente divulgado), mas também pela confiança nos objetivos do projeto, por um estreito relacionamento construído durante meses de trabalho conjunto. A confiança é essencial às contribuições, pois as experiências narradas nos documentos entregues não só são produtos de um passado muito recente, como também estão fortemente conectados ao presente. Dada a dimensão do impacto que poderiam causar no amplo debate sobre o presente e o futuro do contexto político e social de Kosovo, essas narrativas que descrevem experiências durante o período de conflito não foram neutras. A memória nunca pode ser neutra e isso se torna muito evidente em Kosovo. O povo dessa cidade tem tal consciência, e isso influencia sua decisão de permitir ou não que suas memórias saiam da esfera privada. Como será demonstrado, essa questão também é central no ato de compartilhar testemunhos orais, quando se cruzam duas correntes: uma consciência, tanto dos entrevistadores quanto dos entrevistados, do papel da memória na alteração do contexto político-social e das maneiras pelas quais esse mesmo contexto sociopolítico pode influenciar o processo de lembrar.

Entrevistas

A coleta de entrevistas constituiu a outra atividade principal dos Arquivos da Memória de Kosovo, e foi realizada por uma equipe local e os (assim chamados) “internacionais”. Dada essa variedade do grupo, confrontamo-nos com o problema, logo no início da nossa pesquisa, de escolher aqueles que trabalhariam como entrevistadores. Ao trabalhar com os estudantes, já tínhamos percebido como valor potencial o fato de terem tido experiências similares às dos entrevistados e de pertencerem ao mesmo contexto social e cultural. Também sabíamos que a presença de um ou mais membros de uma comunidade internacional, que exercia e ainda exerce um papel imenso e importante na experiência passada e presente dos kosovares, poderia influenciar fortemente a forma de narrativa e a procura da memória dos entrevistados. Além disso, ainda tínhamos consciência de que nós, os “internacionais”, estávamos projetando a nossa presença nos resultados finais da conversa até mesmo quando ausentes, pois as entrevistas, que eram separadas do aconselhamento oferecido, foram coletadas para os Arquivos da Memória: a criação de uma organização internacional. A nossa presença durante as entrevistas poderia simplesmente servir para dar transparência a uma conexão que já estava implícita e que, provavelmente, acentuaria os mecanismos de uma auto-representação coletiva dirigida à comunidade internacional. Perante essas duas considerações, adotamos uma solução bastante flexível: durante quase todo o encontro, entrevistadores internacionais e locais trabalhavam juntos e, em outros momentos (dependendo do contexto no qual a entrevista era realizada, do relacionamento entre entrevistador e entrevistado, etc.), o pesquisador local ou internacional continuava a entrevistar a pessoa sozinho.

Outra preocupação estreitamente relacionada à composição do grupo entrevistador era, logicamente, a linguagem. Um membro da equipe local, muitas vezes, assumiu o papel adicional de intérprete. É importante lembrar que esse papel não é puramente técnico, pois implica uma mediação cultural, nem é completamente neutro, pois o intérprete precisa estabelecer seu próprio relacionamento com o entrevistado, que deve ser diferente da relação do entrevistado com a equipe internacional. O intérprete, portanto, fica com um controle potencialmente extensivo sobre o andamento da conversa. Por essa razão, os intérpretes foram considerados membros ativos do seu grupo de pesquisa e foram incluídos em todas as fases do planejamento das entrevistas. Eles traziam suas próprias perspectivas a essas discussões de planejamento e as entrevistas que resultavam eram consideradas, em parte, o fruto de suas sugestões e contribuições específicas.

A interpretação, entretanto, nem sempre era necessária. Alguns dos entrevistados falavam inglês, francês ou italiano. Nesses casos, quando seu conhecimento da língua estrangeira era fluente, os entrevistados se recusavam a falar em sua língua materna, sentindo-se desconfortáveis com a tradução das suas palavras. Sua resistência à tradução nos ensinou a enxergar uma linguagem compartilhada como uma necessidade básica para reduzir a distância entre os entrevistadores e os entrevistados e para dar a todos os participantes dessas conversas um *status* igualitário. Aprendemos a permitir que os entrevistados escolhessem suas palavras, aceitando qualquer redução na sua habilidade de expressar-se corretamente. Até mesmo nas traduções mais hábeis, a riqueza da linguagem original se perde.

A situação tornava-se mais difícil durante entrevistas em grupo, quando alguns dos participantes podiam falar várias línguas e outros não. Às vezes, essa mistura de línguas se tornava devastadora, como numa ocasião em que quatro línguas diferentes foram usadas durante uma mesma entrevista. Enquanto, por um lado, essa Babel de idiomas se tornou um obstáculo à comunicação clara, por outro, a confusão levou todos os participantes a confiar mais na linguagem não verbal. A transmissão de sentimentos e emoções tornou-se tão relevante quanto a narração de acontecimentos e o significado desses mesmos acontecimentos chegou a depender do apoio dos sentimentos e das emoções.

Em Kosovo foram coletadas quarenta entrevistas, vinte e uma entre albaneses kosovares e dezenove entre sérvios kosovares. A maior parte da pesquisa enfocou três municípios distintos: Pristina, Mitróvica e Pec.

Pristina foi umas das cidades menos danificadas pela guerra, embora um grande número de sua população tenha sido evacuada à força (como havia acontecido em todo Kosovo).⁴ Logo depois da guerra, a cidade teve um rápido crescimento populacional, devido à migração em massa de pessoas do campo. Pristina, hoje, é sede da maior concentração de organizações internacionais em Kosovo. Moram em Pristina mais ou menos seiscentos sérvios kosovares, a maioria concentrada em zonas específicas, havendo apenas algumas famílias ainda espalhadas em outras localidades ao redor do centro da cidade. Para esses sérvios kosovares, a liberdade de movimento praticamente não existe, pois muitos estão confinados a suas casas. Mais ou menos 12 mil sérvios kosovares moram nas aldeias do município, protegidos (como os habitantes de outros enclaves sérvios) pelo KFOR.⁵

Tanto Pec como Mitróvica foram muito afetadas pela guerra. Os registros mostram que respectivamente 68% e 65% de suas residências foram altamente danificadas ou destruídas.⁶ Em Pec, os únicos sérvios que ainda moram na zona urbana são os habitantes dos patriarcados ortodoxos (o sacerdote e as freiras) e várias famílias de Internally Displaced

Persons (IDPs). Na zona rural, uma aldeia sérvia (Gorazdevac) ainda permanece e é habitada por aproximadamente por 12 mil pessoas. Tal como os outros encaves sérvios, a liberdade de movimento é altamente restrita, embora haja semanalmente transporte de ônibus para Belgrado.

Em Mitróvica, dividida em duas zonas por um rio, o norte é sérvio e só algumas famílias albanesas ali residem. Muitos dos habitantes da parte norte de Mitróvica são oriundos de todas as regiões de Kosovo, enquanto uma parte dos habitantes que originalmente viviam nessa área tem-se mudado para a Sérvia. Na parte ao sul do rio está a zona albanesa. A região abriga quase todas as famílias que moravam acima do rio antes da guerra. Mitróvica é a região onde as tensões entre as duas comunidades mais frequentemente degeneram em violência.

As entrevistas foram coletadas tanto nessas cidades, quanto nas aldeias. As pessoas entrevistadas foram escolhidas para representar uma ampla variedade quanto a idade, ambiente, classe social e gênero. O contexto em que as conversas se efetuaram também divergia. As entrevistas muitas vezes ocorreram nas casas, mas também no local de trabalho, em lugares públicos e em escolas. Algumas pessoas foram entrevistadas mais de uma vez, às vezes individualmente no começo e, depois, com um grupo de amigos, família ou colegas de escola. Essas entrevistas com mais de uma pessoa eram diferentes, pois permitiam que a dinâmica relacional do grupo aparecesse. As conversas que tivemos com famílias foram particularmente interessantes. Não raro, e especialmente entre albaneses kosovares, a pessoa reconhecida como chefe da família (um avô ou o irmão mais velho) é que falava em nome de todo o grupo. Os outros parentes só respondiam perguntas dirigidas diretamente a eles e isso, em geral, para confirmar o que o chefe da família já havia dito. A posição das mulheres, em geral, era marginal: durante as entrevistas, elas normalmente ficavam sentadas fora do círculo de conversa ou estavam de todo ausentes. A única exceção a essa regra foi uma avó idosa que tinha sobrevivido ao avô da família. Essa tendência de atribuir o papel de porta-voz a um membro específico também se estendia a grupos informais, para que sentimentos e opiniões aceitos por todos os membros pudessem ser expressos em uma só voz.

As próprias entrevistas em geral foram se estabelecendo através de uma rede de relacionamentos que iam se formando aos poucos. Em muitos casos, ligações eram feitas através de amizades ou parentes das pessoas, e os entrevistadores se encontravam com os entrevistados mais de uma vez. O café, o chá e a troca de presentes muitas vezes precediam as entrevistas. Esse procedimento foi escolhido como o mais apropriado para criar um ambiente de confiança e confidência como um primeiro passo para transformar o ritmo da entrevista em uma conversa espontânea. Os resultados do projeto incluem não só o mate-

rial recolhido dessa forma na pesquisa, mas também o seu processo; o antes e o depois das entrevistas, desde as interações dos alunos com instituições e associações, até os relacionamentos com amigos e colegas e tudo que compreendia, naquele momento, o domínio público e privado no cotidiano de suas vidas.

Além da guerra, atravessando a comunidade

As entrevistas progrediam dentro de um programa, mas essas diretrizes eram projetadas para ser uma base de temas que idealmente seriam explorados durante a conversa, e não uma lista rígida de perguntas diretas. Esse programa refletia o alcance da nossa pesquisa, tanto em relação ao fato específico da guerra, quanto à cronologia do que havia acontecido e aos tópicos da nossa análise. Em uma dimensão, os períodos antes da deflagração da guerra foram considerados para estudo concomitantemente às perspectivas das pessoas sobre o presente e o futuro, enquanto, em outra dimensão, tentávamos fazer emergir a complexidade da experiência kosovar. Nossas diretrizes para as entrevistas, portanto, incluíam diferentes questões, tais como: o papel do indivíduo dentro do contexto familiar; a defasagem entre o discurso público normalizante e a intensidade da experiência popular da guerra, o deslocamento e o retorno; a criação de estratégias de sobrevivência e a emergência do sofrimento no indivíduo; as dimensões da vida familiar, geracional, as relativas ao gênero e à comunidade; as narrativas e os discursos do sofrimento e da cura; a inter-relação de estratégias de sobrevivência passadas e presentes com discursos de identidade; os relatos pessoais das pessoas sobre a situação presente dos kosovares e suas perspectivas, sonhos, desejos e projetos para uma futura sociedade kosovar.

Na análise seguinte dos materiais coletados, o termo “experiências de conflito” se refere não só ao evento da guerra, como também ao contexto social, econômico e político criado com o desdobramento da guerra. Os processos pelos quais a memória se constrói, embora lidos em relação a experiências específicas, em relação à base cultural na qual ocorreram, serão analisados através das fronteiras entre diferentes comunidades.

O esquecimento como cura

Como já foi discutido, as entrevistas coletadas pelos estudantes focalizaram a experiência da guerra, enquanto a pesquisa específica objetivava ampliar a conversa para incluir um espectro maior de temas. Em quase todas as entrevistas realizadas dentro da comunidade albanesa kosovar, porém, os entrevistados fizeram da guerra o centro da conversa e, em alguns casos, os pesquisadores não conseguiram abordar outras questões. O fato de a guerra ter ficado no centro das suas narrativas torna mais evidente a profundidade e a intensidade da sua experiência, como os estudos sobre a guerra e a memória nos fazem lembrar. Além disso, essa centralidade provavelmente também se deve à importância dessa guerra na subsequente construção de uma memória coletiva albanesa kosovar.

Quanto mais intensa a experiência de guerra do entrevistado, maior teria sido o sofrimento e a angústia produzidos na sua esteira. O passado e a sua recordação, portanto, fundem-se com aflição, dor e angústia. Nesses casos, os sobreviventes geralmente acreditavam que era melhor esquecer os eventos que consideravam traumáticos, para poder remover sua dor e superar esse trauma. Essa era a situação de Besim.

Besim se juntou ao Exército de Liberação Kosovar (KLA) no começo de 1993 e viveu por muito tempo na clandestinidade. Durante os bombardeios da Otan, ele foi capturado pela polícia sérvia e ficou preso sete meses em Pozhareve (na antiga República da Iugoslávia). Sua narrativa enfocou principalmente o tempo em que esteve preso. Ele considerava esse o pior período, por ter sido física e psicologicamente maltratado e também por causa da ansiedade que sentia ao ser privado de notícias da sua família e da situação de Kosovo. A memória de sofrimento de Besim enfocava detalhes aparentemente triviais (barulho, objetos, sonhos), mas ele os enfatizava porque traziam o passado para o presente. Ele lembrava:

Quando eles nos cercaram, quando fecharam aquelas portas de ferro, minha psique foi afetada de alguma forma... porque havia 400 quartos ali, e isso quer dizer que 1.200 vezes ao dia... porque traziam comida três vezes ao dia, então essas portas eram abertas três vezes ao dia – 1.200 vezes... o ruído era tal que uma explosão de granada teria ferido menos meus ouvidos... não é só porque poderiam ter entrado para bater em alguém, mas também por causa das portas... essas maçanetas de ferro. (...) As portas da minha casa são de ferro, sabe, e cada vez que ouço esse barulho... mas vou tirá-las e trocá-las por portas de madeira...

Para Besim, remover o barulho das suas maçanetas chegou a ser uma forma de remover essa memória, e assim o sofrimento que causava. Essa é a mesma solução que Blerta, a namorada de um ex-combatente do KLA, escolheu. Em suas palavras:

Blerta: Ele é nervoso e às vezes começa a gritar sem razão e sempre lembra de alguma coisa que viu antes e começa a me falar das coisas que ele viu antes.

Pergunta: Você acha que era um alívio para ele contar o que viu e confessar seus sentimentos para você?

Blerta: Sim, talvez ele precise falar com alguém e contar a essa pessoa o que aconteceu com ele. Ele se sente um pouco mais aliviado e às vezes falamos sobre diferentes coisas e quero ajudá-lo desta forma, mas acho que é difícil porque aquela (memória) está fixada em sua cabeça. Eu geralmente tento mudar o assunto da conversa e falo de outra coisa. Digo algo como: "Vamos falar sobre outra coisa. Já acabou, vamos esquecer. Era uma guerra e não podemos fazer nada". Às vezes isto o faz feliz.

A solução de Blerta, como alguns dos estudantes comentaram durante a sessão plenária em que as entrevistas foram analisadas depois do trabalho de campo, expressa a tradição entre albaneses kosovares de que as pessoas não deveriam ser levadas a retornar às suas experiências dolorosas, respeitando assim sua necessidade de esquecer. Dessa perspectiva, a habilidade de "não lembrar" se torna uma vantagem, um recurso. Apesar disso, porém, a maioria dos entrevistados conduziu suas próprias histórias para trás, para suas experiências dolorosas e, mais tarde, admitiram que se sentiam aliviados depois da conversa.

A lembrança como dever

Uma primeira razão para essa contradição vem do fato de que a ausência de memória, a amnésia ou o esforço de esquecer nunca parece suficiente para remover os eventos que produziram esse sofrimento (e que ainda o fazem). Pelo contrário, essa não-lembrança parece apagar tudo o que está fora desses eventos, nivelando ao seu redor uma tábua rasa em que poderiam aparecer mais claramente. Dessa forma, o trauma quebra radicalmente o fluxo de uma narrativa.⁷ Isso foi exemplificado por um dos entrevistados, Rahim, um menino de 12 anos que fora colocado na fila para ser executado, como todos os outros homens da aldeia. Ele ficou seriamente ferido, mas sobreviveu, enquanto seu tio morreu. "*Sempre vagueio na minha memória*", respondeu aos estudantes que lhe perguntaram o que mais o preocupava: "*Só penso naquele dia*". "Aquele dia", já descrito com grandes detalhes

aos entrevistadores, ainda está vivo na memória de Rahim, embora tenha feito de tudo para esquecer. Em vez de perder “aquele dia”, ele esqueceu todas as piadas que uma vez conhecera. Em suas palavras:

Rahim: *Quando fui ferido, havia algumas moças que vinham para bater um papo. Eu contava muitas piadas, mas agora esqueci todas.*

Estudante: *Você não lembra nenhuma?*

Rahim: *Não, esqueci todas.*

Outro motivo para essa amnésia é que o esquecimento pode ser considerado útil para se recuperar de experiências dolorosas, mas lembrar é um dever social. A opressão, os maus-tratos e os massacres sofridos pelo povo albanês não podem ser esquecidos. Por isso o indivíduo sacrifica seu desejo de esquecer e dá prioridade aos objetivos da comunidade nacional. O sujeito individual deixa de lado sua postura pessoal em favor da construção de uma dimensão coletiva, e o exercício desse dever, em si, reforça um sentido de pertencimento à comunidade nacional, aparentando ter ao mesmo tempo efeitos consoladores e terapêuticos. Mais uma razão para lembrar é que dá sentido à perda. Isto ocorreu no caso de Teuta. Aos 18 anos, ela chorara o assassinato de seu pai e de seu irmão (os dois eram ativistas no KLA) pela polícia sérvia: *“Temos que viver por aqueles que lutaram e morreram por nós, porque quando pegaram a arma em suas mãos eles fizeram uma grande coisa”*.

Afrim, outro homem que contribuiu com recordações, havia testemunhado a execução da sua filha de 16 anos. Ela teria pedido permissão a Afrim para entrar no KLA, e ele teria recusado. Ao descrever a morte da filha, ele disse: *“Embora a dor seja muito profunda, tenho orgulho dela. Estou muito orgulhoso”*. Dessa perspectiva, os mortos já não são mais meras vítimas. Lembrados, eles se tornam mártires, e sua perda se torna bem mais tolerável.

A dor do presente

A aflição, o luto e a angústia descritos pelos entrevistados não se limitavam a eventos passados, mas também marcavam sua descrição do presente. Para os sérvios kosovares, o sofrimento é uma realidade imediata. Do seu ponto de vista, aqueles que escolheram não deixar a região ainda estão em guerra, uma guerra em que eles são as vítimas. Dentro dessa comunidade, o passado geralmente só é lembrado para enfatizar o sofrimento do presente

ou para mostrar onde esse sofrimento se originou. Um grupo de homens de Belo Polje (Pec) relatou como sua aldeia foi destruída pelos albaneses, de forma a que a memória desse evento, ocorrido imediatamente após o “fim” da guerra, fossem evocada, principalmente, para trazer à tona o sofrimento daqueles que viram suas casas incendiadas e foram forçados a fugir para a Sérvia. Compartilhavam da narrativa pela necessidade de chamar a atenção da comunidade internacional para suas condições de vida como sérvios kosovares, esperando que essa comunidade internacional pudesse lhes garantir o direito de retornar a seus lares. Esse era o caso e o sentimento de Sonja que, hoje morando em Gorazdevac, lembrava a experiência dolorosa de sua fuga, com a família, de Pristina para Belgrado; no entanto lembrava-a principalmente para tornar mais conscientes os eventos específicos que causaram os distúrbios psicológicos sofridos pelo filho caçula, para quem procurou a ajuda dos especialistas internacionais. Para Sonja, a memória de experiências passadas poderia ser usada como um instrumento para enfatizar e intensificar o sofrimento que ela suportava no presente, para fazer, enfim, com que a comunidade internacional reconhecesse os sérvios kosovares como vítimas do conflito e para lhes encontrar soluções adequadas.

Esses relatos, portanto, geralmente focalizaram os detalhes das condições de vida em encaves sérvios, descrições que criaram causas e atores que podiam ser culpados por seu sofrimento individual e coletivo. Tal testemunho foi dado por Dragan, um velho professor de Gorazdevac, uma aldeia sérvia perto de Pec. Segundo ele, antes da guerra, as pessoas podiam trabalhar em vários empregos na cidade e também trabalhar no campo apenas para seu próprio consumo, mas as restrições relativas ao movimento para além da aldeia, que surgiram depois da guerra, criaram um alto índice de desemprego que não podia ser absorvido pela agricultura local. Como um patriarca da aldeia, Dragan expressou sua preocupação a respeito das conseqüências da situação: “*Não há trabalho, não há trabalho, e isto não é bom. O que que os jovens podem fazer sem trabalho? Eles não têm o que fazer. Sem trabalho não há vida, não há paz*”. Dragan repetiu essa frase muitas vezes: “*Não há trabalho, não há vida, não há paz*” e repetiu-a mais uma vez para terminar sua fala.

Outra residente de Gorazdevac entrevistada foi Tâmara, de 36 anos, mãe de três filhas: começou a sua história testemunhando a defasagem entre a realidade que era forçada a viver e seus desejos:

A realidade é praticamente o lugar onde estou vivendo. Isto é a colméia. Gostaria de sair deste lugar limitado, mas a realidade é esta; eu fico triste, pois não posso me permitir sair. Meu desejo é de poder andar livremente. Ir com minhas filhas aos parques, ao cinema, ter um emprego. Simplesmente andar livremente sem qualquer sentimento de medo.

Biljana, outra entrevistada, tinha 25 anos e trabalhava em uma organização internacional no setor norte de Mitróvica. Ao descrever como passava o seu tempo livre, ela contou ao entrevistador o quanto sentia falta do cinema, mas não sem frisar que esses sentimentos com certeza eram comuns entre os jovens da cidade:

Acho que não sou a única que gostaria tanto de ir ao cinema. A vida não é só trabalhar, comer e dormir. Precisamos de algo mais. Embora haja bastante dinheiro aqui – por causa de todas as organizações internacionais que estão aqui –, as pessoas não podem ter a vida normal de que necessitam. O que me preocupa, especialmente, como pessoa, é a falta de vida normal. Aqui, mesmo se eu ganhasse uma fortuna, não há maneira... de não gastar, porque a gente sempre pode gastar dinheiro, mas gastá-lo e sentir alguma coisa... algo que satisfaça. Não, não é simplesmente...

“Sofrimento na alma”: uma tarefa de mulher

Para os sérvios kosovares, o sofrimento, como apareceu em seus relatos, era quase sempre psicológico e não “material”. Organizações internacionais e não-governamentais radicadas nos enclaves sérvios estavam ali para providenciar elementos para atender às necessidades mais básicas da população e, ao mesmo tempo, ofereciam oportunidades de emprego, mas as conversas sobre sofrimento tendiam a descrever um outro vazio. Essa ausência era identificada como a causa da aflição, do sofrimento e da angústia que permeavam a experiência cotidiana sérvia kosovar. O vazio, assim, tornou-se o tijolo e o cimento da construção de sua auto-representação coletiva, expressa nas palavras de Tâmara: “*Sim, distúrbios psicológicos são muito comuns, todos sofremos com esta situação aqui em Gorazdevac*”. Milica, outra entrevistada, igualmente se referiu à situação em Mitróvica: “*Todos aqui têm esta angústia e... eu vi pessoas perturbadas, perturbadas mentalmente por causa disso... eu as vi na rua*”. Em sua narrativa, Tanja apresentou suas condições de vida em Pristina como especialmente difíceis, mas imediatamente estendeu essa mesma experiência como de todos os sérvios que moram na região:

Aqui em Pristina, o espaço para se movimentar é muito limitado, muito limitado. O lar, o trajeto para o trabalho. Só umas poucas centenas de metros, nada mais. É bastante claustrofóbico... mas é verdade que também nos enclaves as pessoas não têm condições melhores... também sofrem muito por causa do limitado espaço de movimentação.

Colocado dessa maneira, como uma experiência comum a todos os sérvios que ainda moram em Kosovo, o sofrimento psicológico adquiriu as características de uma doença

endêmica, que se comprova quando surge na forma de sintomas físicos: Tãmara descreveu como perdeu quase vinte quilos depois da guerra e os seus amigos quase não a reconheciam. Biljana se queixou de constantes dores de barriga causadas por gastrite e Tanja falou de uma dor de cabeça crônica. O sofrimento psicológico era sentido mais pelas mulheres entrevistadas e sua “somatização” parecia ser sentida mais por mulheres. Em Gorazdevac, as mulheres constituíam 78% dos 360 pacientes que receberam assistência médica do KFOR entre março e junho de 2000, para doenças causadas por estresse, depressão e hipertensão.⁸ Esse fenômeno muitas vezes é explicado, tanto pela comunidade local quanto pelo pessoal médico, como uma consequência do isolamento doméstico das mulheres. De acordo com Lazar, nosso tradutor: *“As mulheres (das aldeias) ficam em casa o dia todo, elas pensam durante todo o dia na sua situação, e têm menos oportunidade de aliviar (seus pensamentos)”*.

Essa razão, no entanto, não se aplicava às rotinas de homens e mulheres de Gorazdevac. Tãmara, por exemplo, já tinha sido uma dona-de-casa antes da guerra, cuidando dos filhos e da casa. Mesmo depois da guerra, quando não podia mais ir à cidade para fazer compras e visitar amigos ou parentes (alguns dos seus vizinhos tinham de fato fugido para a Sérvia), ela ainda tinha uma rede de sociabilidade. Não tinha perdido completamente o padrão estável da sua vida de antes da guerra. O marido de Tãmara, por outro lado, havia perdido seu emprego na cidade e passava a maior parte de seu tempo em um café localizado na praça da aldeia. Ali, junto com outros homens, ele enfrentava a monotonia, quebrada só pela distribuição semanal, pelo KFOR, de mantimentos de que sua família necessitava. Em comparação, e embora os relatos das mulheres sobre sua condição de vida enfatizassem sentimentos como claustrofobia, falta de motivação e desorientação, o seu dia-a-dia preservava uma certa estabilidade, enraizada na execução do seu trabalho com afazeres domésticos. Pareceria então que, por serem mulheres, a Tãmara e outras, foi-lhes dado o dever social de expressar o sofrimento psicológico coletivo. Era tarefa delas assegurar que essa dor emergisse em sinais físicos em seus corpos, e era de novo salientada nas narrativas para poder se tornar um componente básico da comunidade sérvia na sua auto-representação como vítimas da guerra.

“Traumatizados pelo trauma”

Ao longo das entrevistas, a auto-representação sérvia kosovar de vítima se tornou um conceito “guarda-chuva”, estabelecido para abranger o mal-estar provindo de outras fontes. Assim, ao descrever a penúria da sua vida em Gorazdevac, Tãmara mais de uma vez

mencionou que seu desejo de encontrar um emprego sempre se frustrava pela situação que prevalecia em Kosovo. Em realidade, entretanto, Tâmara não havia trabalhado antes da guerra; havia largado o emprego treze anos antes, depois do nascimento da sua primeira filha. Disse ela que havia se aposentado porque queria se dedicar completamente aos filhos, mas, agora que estavam crescidos, um de seus maiores desejos era poder voltar a trabalhar. Embora esse desejo de ter uma experiência profissional fosse melhor explicado pela necessidade de enriquecer sua vida depois de ter-se dedicado a sua família por treze anos, Tâmara encontrou meio de justificar esse desejo em oposição a uma experiência de sofrimento e isolamento nos encaves, o que era comum a toda a comunidade kosovar. “*Se me dessem uma oportunidade de trabalhar, eu poderia escapar de muitos dos problemas que tenho agora, morando em Gorazdevac*”. Essa construção de uma identidade coletiva enraizada na vitimização do povo sérvio parece pressionar a subjetividade individual e o desenvolvimento de uma identidade individual, cada uma se construindo sobre a outra.

Esse mesmo processo também acontecia no interior da família, redefinindo-a como uma só unidade dentro de uma mais ampla “comunidade vitimizada” pelo conflito. Isso aconteceu com albaneses kosovares, que geralmente percebem o contexto familiar como um lugar de celebração, consolação e proteção. Na situação prevalecente de pós-guerra, porém, o lar, tendo sofrido muitas perdas, era descrito como um corpo mutilado e ferido, uma identidade adoecida diminuindo meios pelos quais famílias com dificuldades poderiam procurar nova força e estabilidade. A guerra, definida como um evento traumático, era assim apresentada como a única razão do sofrimento dos membros da família, enquanto outras causas (que poderiam ter sido exacerbadas pela guerra, mas tiveram sua origem em qualquer outra parte) ficaram desconhecidas. Isso surgiu na narrativa de Sofije, uma mãe de 21 anos, cujo marido fora morto pelos paramilitares sérvios. Por ocasião da entrevista, o bebê de Sofije tinha 11 meses e ela ainda vivia com seus sogros numa aldeia perto de Vushtri. Durante a entrevista, Sofije e a família de seu marido focalizaram sua conversa com os estudantes⁹ na perda do marido, que identificaram como a causa do sofrimento, tanto de cada pessoa da família, quanto da família inteira, como se fosse uma pequena comunidade que ficou sem harmonia doméstica. Como dizia o pai idoso: “*Nós perdemos nosso filho, ela perdeu seu marido. É triste, é muito triste. A família foi destruída. Nunca nada será como era antes*”. Mais tarde, durante a conversa, porém, outras razões surgiram para a perturbação familiar: Sofije queria voltar a morar em sua casa com seus pais, mas, de acordo com o costume albanês kosovar, ela não poderia fazer isso sem deixar a criança com a família do marido. O sofrimento de Sofije, assim, era também motivado em parte por essa difícil decisão que tinha que enfrentar naquele momento: ela poderia mudar para um contexto mais protetor de sua família, que seria mais apropriado para poder superar a perda do marido,

mas a perda da sua filha só aumentaria seu luto. Em suas palavras: “*Não quero me separar dela, ela é tudo o que tenho. Mas gostaria de retornar aos meus pais, minha família... você sabe, é a minha família...*”. Sofri se queixava de distúrbios psicológicos (não conseguia dormir, não tinha apetite, sofria de desmaios), mas sua origem, apesar da forma como a família representava seu sofrimento, não podia ser exclusivamente atribuída ao “trauma provocado pela guerra”.¹⁰

Famílias divididas, redes ampliadas

Memórias do sofrimento criado pela guerra e pelo exílio forçado, muitas vezes, levantavam o tema da separação, e o discurso sobre separação era focalizado, sobretudo, no contexto familiar. Para os albaneses kosovares, qualquer divisão do grupo familiar, que mais tarde o impediria de desempenhar sua função protetora essencial, era descrita como uma experiência muito dolorosa, na qual as diferenças de gênero e geração tinham um papel fundamental. Isso se exemplificou no relato de Drita, mãe de dois filhos que, como muitas outras mulheres, foi forçada a deixar seu marido:

Não sei como me expressar. Estava de alguma forma perdida quando o deixei. Era uma dor tão profunda... porque naquele momento estavam nos expulsando de Vushtri para Macedônia, mas eu não queria ir. Meu marido não podia nos acompanhar.

“Eu me senti perdida” e “nós estávamos perdidos” eram expressões que frequentemente apareciam entre as mulheres que foram separadas dos maridos. O sentimento de “estar perdida” às vezes as empurrou para conseqüências extremas, em casos quando a separação era definitiva. Isso surgiu numa conversa com Shemsije, cujo marido, cunhado e dois filhos tinham sido mortos pela polícia sérvia. Por ocasião da entrevista, ela morava com a filha de 12 anos. Segundo suas palavras: “*Nós também estamos mortas. Perdemos os homens e também estamos mortas. Perdemos tudo*”.

Os homens também percebiam uma desintegração da família e uma desordem na sua estrutura patriarcal como um choque, pois perdiam o seu papel de protetores das esposas e dos filhos. Além disso, como a tradição dita que os filhos adultos têm o dever de cuidar dos pais, sua incapacidade de desempenhar esse papel era percebida como algo profundamente doloroso. Essa foi a experiência de Muhamet, que teve a chance de escapar do país com sua esposa e seus filhos, mas não pôde levar os pais consigo, por serem muito idosos para se mudar. “*Nunca os tinha deixado antes: estava muito preocupado, eu estava muito triste, mas tinha que fazê-lo*”.

Alguns anos antes da guerra, os irmãos mais novos de Muhamet tinham emigrado para a Alemanha, mas ele mesmo nunca havia cogitado ir com eles, sentindo que pelo menos um filho deveria garantir a proteção aos pais. O sofrimento produzido pela separação da sua família, portanto, parece surgir tanto pelo fato de perder sua função protetora dentro do lar, quanto por ser forçado a abandonar os papéis tradicionais a serem desempenhados dentro dele. Quando cumpridos, esses papéis são componentes fundamentais na construção das identidades individuais e coletivas, já que albaneses kosovares geralmente se auto-representam como pessoas que valorizam muito a família e respeitam os papéis desempenhados por cada membro dela. A incapacidade de desempenhar essas funções, portanto, ataca a base do *self* individual e coletivo.

Dada a importância da família na comunidade, relatos de separação não relacionados à família eram mais incomuns, e apareciam somente em diferentes tipos de narrativas ou em contextos que, na sua especificidade, quebravam o padrão do discurso recorrente. Assim, numa memória escrita enquanto era refugiado, Agim contou a dolorosa separação da mulher que amava. Logo depois do início da guerra, ele mandou sua família para o estrangeiro, mas amava profundamente uma mulher que morava em Pristina, portanto, não queria sair do país. Só quando ela o pressionou para não perder a oportunidade de fugir para um lugar mais seguro, ele concordou em sair. Num texto que escreveu do estrangeiro, Agim ainda falava com sua amada, lembrando a experiência dolorosa da sua partida: *“Eu sentia a necessidade de gritar como um animal selvagem quando você se despediu de mim”*. Outro relato “incomum” foi o de Suzana, uma albanesa kosovar de 20 anos, que nasceu e se criou em Belgrado, onde seus pais trabalhavam. A decisão de seu pai de mudar-se para Pristina após o fim da guerra causou-lhe grande dor:

Foi horrível. Chorei durante dois meses... Você sabe, eu nasci ali, 18 anos vivendo em uma cidade com muitos amigos. Depois ter que vir para uma cidade menor, sem amizades, só a família... Foi realmente... como posso dizer, foi muito duro. Especialmente no começo. Olhava minhas fotos... também o vídeo com meus amigos, com Belgrado. Ainda escuto as músicas em sérvio, mas muitas pessoas me falam que não deveria fazer isto, porque não é seguro, e as pessoas aqui são totalmente diferentes após a guerra, até as pessoas que querem escutar música sérvia escutam com “walkmans” para que as vozes sérvias não sejam ouvidas por outras pessoas. E por isso era muito duro no começo, mas a vida continua...

Se a guerra e o exílio forçado foram as causas de famílias despedaçadas e da separação de entes queridos, esses males podiam também resultar numa nova rede de relacionamentos forjados em contextos diferentes, mais freqüentemente por mulheres. Foi assim que Valbona, outra entrevistada, não só manteve um bom relacionamento com as mulheres da família que a hospedou e a seus filhos em Tetovo, como também se tornou uma boa amiga.

Essa amizade a sustentou durante o tempo do seu exílio forçado de Kosovo e continuou, mesmo após seu retorno. Depois da guerra, as amigas de Valbona, de Tetovo, foram várias vezes visitá-la e à família em Pristina.

Shyhrrete teve uma experiência parecida. Enquanto ficou na Albânia com suas duas filhas, seu marido e sua sogra, as famílias que moravam no bairro iam visitá-los todos os dias. Uma amizade “especialmente entre mulheres” se formou ali.

Valbona: Preparávamos a comida juntas. Elas gostavam da maneira como preparávamos as nossas especialidades. Então fazíamos o trabalho juntas. Até quando íamos ao centro da cidade, íamos juntas. Sempre estavam conosco, tentando tirar a nossa tristeza.

Pergunta: E isto funcionava? Isto fazia com que você se sentisse melhor?

Valbona: Sim, funcionava. Me ajudou muito (...) Ainda mantemos contato por telefone e quando a guerra acabou vieram nos visitar.

A guerra e o exílio, então, estenderam redes de relacionamento para além do âmbito familiar e de parentesco. Essa rede ampliada se tornou um recurso durante a guerra e, muitas vezes, foi ou poderia ser um recurso no presente. Em narrativas sobre a guerra, porém, a separação forçada, o sofrimento e o exílio quase nunca eram vistos dessa maneira. A habilidade, mostrada em outros casos, de enfrentar e superar o sofrimento não era enfatizada nos relatos, que enfocavam mais as dificuldades e o sentido de perda.¹¹

Um sofrimento com raízes profundas

Todos os entrevistados colocavam as origens do seu sofrimento lá atrás, no passado, e enfatizavam sua continuidade até o presente. Os massacres que começaram depois dos bombardeios da Otan e a vingança efetuada contra os sérvios pelos albaneses, logo após a guerra, eram meramente considerados a última fase de um conflito bem mais longo e contínuo. Quando começou esse conflito? Nessa questão, a memória individual parece ser posta de lado, deixando lugar para as versões oficiais. A origem do conflito é geralmente identificada, por albaneses, como um dos eventos históricos que levaram à supressão da autonomia dos kosovares, e, pelos sérvios, como as demonstrações organizadas pelos albaneses como uma reação a essa sanção.¹² Essas cronologias, no entanto, nunca parecem corresponder ao início do conflito na vida cotidiana dos indivíduos. Por exemplo, em seu relato, Ismail nos contou que a luta começou quando a constituição foi mudada (em

1990) e a autonomia de Kosovo foi abolida;¹³ mas o primeiro acontecimento que o chocou diretamente foi o ataque, pelo exército sérvio, a uma aldeia vizinha, em 1998. Milica, outra entrevistada (sérvia), situou o aumento da tensão entre as duas comunidades em 1981, quando aconteceram as primeiras grandes demonstrações organizadas por albaneses, mas não conseguia especificar o período em que ela própria sentiu o conflito, explicando que “*vivia em perfeita harmonia até o fim da guerra*” com seus vizinhos albaneses. Essa substituição da memória individual por uma memória coletiva, estruturada, como ela é, com base em acontecimentos históricos, políticos e públicos específicos, às vezes vem acompanhada de mudanças na ordem cronológica na qual esses acontecimentos ocorreram. Por exemplo, quando entrevistada, Shyrhrete situou o rompimento das relações entre albaneses e sérvios como tendo ocorrido em 1981, “*quando nos expulsaram das escolas*” (ela foi professora). De fato, porém, os sérvios fecharam as escolas públicas albanesas e instituíram um “sistema paralelo” só dez anos mais tarde.¹⁴ Parecia que a memória tendia a voltar mais para trás no passado, para procurar as origens do conflito, e que o tempo prolongado de sofrimento reforçava a influência do mesmo na construção da identidade coletiva. Como disse Haretina, uma senhora idosa morando no patriarcado ortodoxo de Pec: “[É] porque agora todos culpam os sérvios, mas... os sérvios em Kosovo sofreram muito durante a era iugoslava... eles não eram protegidos, eram a minoria, sofreram muito...”. Mirdita, outra entrevistada, jornalista e diretora famosa de uma das rádios mais populares em Pristina, comentou:

Tudo o que aconteceu em Kosovo não aconteceu da noite para o dia, aconteceu durante um longo período. Nós sofremos por muito tempo. E sempre na nossa sociedade a primeira necessidade foi a defesa. Não de lutar, mas de defender. Da mesma maneira que você sempre tem que se defender de alguém que está atacando você (...). Não é fácil definir “albanismo”, “kosovarismo”. Você tem que retroceder a essa posição de defesa. Sempre fomos defensores, sempre estávamos acostumados a meramente sobreviver.

Na construção de uma memória coletiva baseada no sofrimento facilmente caracterizado, o relacionamento entre comunidades só poderia ser representado como sutil e multifacetado através de narrativas sobre o recente conflito de Kosovo.¹⁵

Memórias de guerra

A memória do lazer

A memória de sofrimento permeia os relatos albaneses kosovares da guerra, mas, para além disso, para aqueles dispostos a olhar, uma grande variedade de experiências estava submersa na narrativa principal, aguardando poder sair. No momento da entrevista, Artan, Bekim e Florina, todos tinham 14 anos e viviam em Pristina. Eram colegas de classe da escola Meto Bajraktari. Artan era oriundo de uma aldeia. Quando a guerra começou, sua família se juntou a outros parentes que ainda moravam ali e, mais tarde, fugiram para as montanhas. Como Artan nos contou:

Era muito ruim. Não tínhamos comida e quatro membros da minha família foram mortos. Depois fomos para a Macedônia, mas ainda era muito ruim. Quatro membros da minha família tinham sido mortos.

Florina estava morando em Pristina na época e lembrava a experiência de outra maneira:

Morávamos no centro, onde a situação era muito melhor que em outros lugares. Muitas pessoas vieram dos subúrbios. Fiz muitas amizades, amizades albanesas, novas amizades e era muito bom estar em contato com eles, brincar com eles, conversar com eles... Nos divertíamos muito. Ainda estou em contato com eles.

Bekim também lembra os amigos que teve a oportunidade de conhecer:

Eu fui refugiado no Canadá... fiz amizades canadenses lá, também albaneses que já moravam lá. Eram maravilhosos... meninos e meninas... Ainda nos comunicamos por e-mail.

Para Bekim e Florina, como para muitos outros dos seus colegas, as memórias da guerra se associam a uma época em que tiveram a oportunidade de fazer amizades novas, de partilhar experiências diferentes com os outros, de passar o tempo de diferentes maneiras, pois suas vidas tinham sido completamente mudadas pelo conflito. Enquanto seu divertimento com amigos novos, certamente, era um mecanismo para lidar com uma situação difícil, seu relato serve para lembrar que adolescentes têm uma percepção particular da guerra, em que a tragédia e o divertimento podem conviver lado a lado.¹⁶

Claro que, durante nossas conversas com eles, Bekim, Florina e seus colegas indicaram que a guerra tinha sido uma experiência ruim, até para eles. Segundo Florina:

Nós somos crianças, portanto fazíamos de tudo para nos sentir melhor, mas era terrível. Sabíamos que havia uma guerra e que eles podiam fazer tudo o que queriam conosco... brincávamos horas... duas ou três horas... para nos salvar e esquecer, mas não esquecemos...

Suas falas progrediam como se essa memória de “lazer” produzisse neles um sentimento de culpa e a contrabalançavam com uma memória equivalente de sofrimento. Um processo parecido ocorria quando a narrativa de sofrimento enfocava o presente, como acontecia entre os sérvios kosovares. Assim como outros, Tanja tendia a enfatizar a dificuldade da situação que estava vivendo em Pristina e a dos outros sérvios kosovares que ainda moravam na cidade. Ela contou como não podia se movimentar livremente e, com frequência, sentia que estava em perigo. Acrescentou que havia largado o emprego, sentindo-se ameaçada por albaneses:

Trabalhei no hospital. Acabei de cursar medicina e era enfermeira. Mas, depois da guerra, tive que sair, pois só havia albaneses trabalhando no hospital. Fui ameaçada e me sentia em perigo. Portanto, fui embora.

Mais tarde, porém, Tanja encontrou um novo emprego, como repórter numa rádio multicultural que era dirigida por albaneses, sérvios e turcos. Desde então, ela tem viajado e feito muitas novas amizades:

Tanja: Fiz um curso para jornalistas na Itália, em Roma. E tenho viajado também no interior de Kosovo, visitei muitas cidades onde nunca havia estado. Antes quase não viajava.

Pergunta: Parece-me que você está muito feliz com sua nova profissão...

Tanja: Sim, minha vida é muito mais interessante hoje, comparada com o que era antes!

Paradoxalmente, as difíceis condições de vida criadas para os sérvios kosovares depois da guerra, tanto limitavam duramente a liberdade da vida diária de Tanja, quanto lhe abriam novos horizontes geográficos e experimentais. Em seu relato, porém, esse efeito positivo ficou quase completamente obscurecido pela ênfase que ela colocava nas dificuldades.

Voltando para os colegas do colégio Meto Bajraktari, encontramos a memória do lazer ressurgindo quando a conversa enfocava o relacionamento entre o passado e o presente e perspectivas para o futuro. Nesse momento, suas narrativas demonstraram como as diversas experiências de guerra tinham criado novas divisões entre os amigos. Florina acusou alguns de seus colegas, que haviam passado o período da guerra no estrangeiro, de esno-bar os amigos por terem viajado e tido experiências de vida em outro lugar.

Florina: *Eles mudaram, passaram por diferentes países, viram como é a vida lá... Na verdade eles eram refugiados lá, mas agora dizem “nós viajamos para o exterior”...*

Pergunta: *Então, por terem tido experiências diversas – alguns foram embora, outros não – vocês não se vêem da mesma maneira, como o faziam antes, verdade?*

Florina: *Na verdade, depois que aprendemos o que é ficar separados dos amigos, agora estamos mais próximos uns dos outros.*

Pergunta: *Embora alguns de alguma forma sejam mais arrogantes?*

Florina: *Não só alguns, mas todos são mais arrogantes!*

Os comentários de Florina devem ser considerados no contexto de um atrito mais generalizado entre os que ficaram em Kosovo e os que deixaram o país. Os que saíram, muitas vezes são criticados por terem deixado a “pátria” e, de alguma forma, por terem estado em maior segurança. Como disse Florina:

Eles estavam fora de perigo, nós não estávamos; estávamos em Kosovo e sabíamos que ninguém podia fazer nada por nós... mas eles sabiam que alguém podia fazer alguma coisa por eles, porque estavam salvos... estavam sendo ajudados.

Para Florina, como para alguns dos seus colegas, mais “culpa” é colocada sobre os que deixaram o país, dadas as experiências positivas que tiveram no exterior, e por seu novo *status*.

A amostra variada de memórias descritas pelos colegas do colégio Meto Bajraktari correspondia a uma multiplicidade de experiências. Cada um desses casos, porém, conduziu a uma interpretação e a um conceito diferentes do presente, a diferentes esperanças e sonhos para o futuro. Bekim falou em querer estudar informática no exterior para poder trabalhar “com computadores e coisas assim”. Florina queria estudar nos Estados Unidos e depois “escrever para jornais ou trabalhar como jornalista na TV”. Artan queria ingressar na polícia “para defender o povo albanês”.

O peso da solidariedade

As diversas experiências individuais narradas nesses relatos, muitas vezes, pareciam complicar os temas que retornavam como componentes básicos na construção da memória coletiva da guerra dirigida à comunidade internacional. Um deles era o conceito de solida-

riedade entre o povo albanês. Histórias de exílio forçado geralmente tendiam a enfatizar as calorosas boas-vindas dadas a refugiados de Kosovo na sua chegada, tanto à Albânia quanto à Macedônia, pelos albaneses que ali moravam.

Esse discurso sobre a solidariedade de “compatriotas” contribui para caracterizar os albaneses como cordiais e generosos, mas também traça uma linha cultural de separação identificando todo albanês como membro de uma mesma comunidade nacional. Não obstante, as diferenças sociais e culturais entre albaneses de Kosovo e aqueles de outras regiões eram, quase sempre, em maior ou menor grau, abertamente reconhecidas e, em alguns casos, tidas como responsáveis por uma adaptação ainda mais difícil à vida dura de um refugiado.

Em conversações com Ardita, por exemplo, a memória da “solidariedade albanesa” era sobreposta pela memória de opressão, quando essa mesma cordialidade se convertia numa aceitação forçada dos costumes muito diferentes da comunidade anfitriã. No seu relato, Ardita descreveu como uma família albanesa em Tetovo a recebeu e à sua irmã. No começo, sua descrição do alojamento mostra a gratidão pela hospitalidade que as duas moças receberam: *“A família vivia numa aldeia, o lugar era lindo. Tentaram fazer com que nos acercássemos o mais possível deles e cuidaram bem de nós”*. Logo, no entanto, a memória de Ardita retornou para as limitações que tiveram que aceitar:

Eles eram muito antiquados e muito religiosos, portanto, as mulheres eram muito discriminadas. Tinham que ficar em casa e não sair pra fora sem um homem adulto; comportavam-se conosco dessa maneira também. Não tínhamos outra escolha a não ser nos adaptar a essas circunstâncias, embora tentássemos às vezes lutar contra esses costumes antigos. Mas tínhamos que agüentar ficar fechadas em casa, pois não nos permitiam nos movimentar livremente... Só porque éramos mulheres. As mulheres ali não podiam ir até a cidade livremente. Se tivessem que pegar alguma coisa na cidade tinham que ser acompanhadas pelo chefe da família... portanto, as mulheres não podiam se mover sem um acompanhante masculino. Nós não estávamos acostumadas com coisas assim...

Essas limitações de movimento pioravam o sofrimento associado a sua condição de refugiada e, mais ainda, o fato de ser forçada a ficar dentro de casa parecia para ela uma negação ao direito de procurar notícias sobre a família que havia deixado em Kosovo. Em suas palavras:

Durante esse período, estávamos muito tristes e aborrecidas, estávamos num estado psicológico muito ruim... também espiritualmente nos sentíamos mal... Constantemente recebíamos notícias ruins de que nossa aldeia estava sendo atacada de todos os lados. Alguém nos disse

que havia muitas vítimas, estavam acontecendo massacres, e não tínhamos notícias sobre o resto da nossa família lá. Queríamos de alguma forma conseguir informação, mas não podíamos porque estávamos presas dentro de casa. Eu me sentia muito mal.

Ao concluir seu relato, Ardita tentou explicar que sua gratidão pela solidariedade que recebeu tinha algumas ressalvas:

Gostaria de acrescentar mais uma coisa. Por causa dos sofrimentos que vivenciei naquela aldeia da Macedônia, hoje vejo com ódio o chefe da família que nos recebeu. Não sei... Cuidaram de nós... mas sinto nojo dele...

A memória individual, nesse caso, não coincidia com o relato coletivo e exigia reconhecimento para a experiência específica que era excluída do conceito de identidade nacional. O discurso nacional prevaemente se tornou complicado por uma questão de identidade de gênero.

Ao longo das fronteiras

Em Pristina como em Paris

Diferentes experiências e memórias do passado eram, muitas vezes, combinadas com diferentes experiências e percepções do presente, as quais emergem desses passados diferentes. Esclarecer essa multiplicidade de experiências e memórias é observar uma identidade nacional sólida e compacta desestruturar-se e converter-se em outra, que é muito mais fragmentada e articulada. Entre esses fragmentos existem fronteiras. Divisões separaram a cidade do campo, por exemplo, o masculino do feminino, gerações passadas das presentes. Essas diferenças criaram e continuam a criar fissuras e diferenças na experiência. Os relatos desses homens e mulheres demonstram rupturas ou continuidades produzidas ou forçadas pelo conflito e seus desdobramentos, assim como as várias maneiras pelas quais essas rupturas e continuidades foram e são experimentadas. Pristina, como capital de Kosovo e sendo ponto de interseção, parecia um observatório muito privilegiado de onde esses processos podiam ser melhor vistos.

Os albaneses kosovares que moravam na zona rural eram tipicamente aqueles que haviam sobrevivido aos eventos mais dramáticos do conflito, e foi nas aldeias, mais do que nas áreas mais urbanas, que a guerra teve sua primeira e mais violenta expressão.¹⁷ Enquanto essa diferença na intensidade da experiência entre a aldeia e a cidade criava mais defasa-

gem, ampliando ainda mais as lacunas socioculturais já existentes entre áreas urbanas e rurais,¹⁸ o contraste também ajudava a fixar eventos na memória dos aldeões, imprimindo-os vivamente nas suas percepções do sofrimento existente, como podemos ver no relato de Ardita:

Minha aldeia foi uma das primeiras no município de Vushtri a ser tomada pela guerra. Naquela época eu estava em Pristina com minha irmã, estudando na universidade. Desde o outono de 1998, quando a guerra estava acontecendo na minha aldeia, não só era difícil para nós voltarmos para casa, mas também estávamos acompanhando e sentindo tudo o que estava acontecendo. Nós estávamos por dentro do que estava acontecendo, portanto perdemos a vontade não só de sair, caminhar e nos divertir como de fazer qualquer outra coisa. Antes dos bombardeios da Otan, Pristina estava quase intocada pela guerra e a situação aqui sempre foi diferente das outras partes de Kosovo. Isto nos incomodava... aqui (em Pristina) a vida prosseguia como se nada estivesse acontecendo no resto de Kosovo. Aqui a vida era como na Suíça ou Paris... tudo era normal, podia-se ouvir música nos cafés cheios de gente, que se divertia até tarde da noite.¹⁹

Segundo Ardita, essas várias experiências da guerra também determinaram as condições diferentes do presente:

Particularmente nos aspectos financeiros, Pristina sempre foi a que mais ganhou, não foi destruída, as pessoas encontraram suas casas e apartamentos sem que estes tivessem sido incendiados ou demolidos. As pessoas fugiram primeiro, assim que a guerra começou, e foram as primeiras a voltar assim que acabou. Alugaram suas casas a organizações estrangeiras, começaram a trabalhar em diferentes organizações. É muito mais difícil para os aldeões, pois ainda são tão pobres quanto eram antes. Alguns têm passado o inverno numa barraca.

Aldeões na cidade

Após a guerra, um fluxo migratório considerável trouxe muitos kosovares das áreas rurais para as cidades,²⁰ já que muita gente ficou desabrigada e a economia da maioria das aldeias, que já estava seriamente danificada pela pressão enorme sobre as escassas terras cultiváveis,²¹ tinha sido destruída. Embora, no começo, as pessoas tivessem voltado a trabalhar a terra, logo precisaram encontrar um meio de complementar sua baixa renda, especialmente aqueles que não podiam contar com ajuda financeira de parentes que haviam migrado para outros países. Uma solução acessível para eles foi dividir seu tempo entre a atividade agrícola e o trabalho encontrado na cidade mais próxima. Essa maior mobilidade, junto com novas oportunidades de emprego, parece ter favorecido uma maior interação

entre as economias rural e urbana, unindo-as por meio das estratégias de sobrevivência das famílias de agricultores. Apesar disso, porém, as pessoas que moravam na zona rural afirmavam que a vida nas aldeias ainda era muito dura, enquanto as cidades eram vistas como lugares onde a maioria das mudanças ocorria, especialmente por causa da presença maciça da comunidade internacional.

Os efeitos sobre as migrações em grande escala eram mais evidentes na capital, Pristina. As migrações ocorriam da mesma forma: os ex-aldeões eram hospedados por um período de tempo inicial, por parentes que moravam na cidade; depois, os que tinham mais sorte conseguiam encontrar uma moradia e um emprego mais ou menos estável. Uma vez nas cidades, porém, tornava-se mais difícil para os migrantes mais recentes se recuperarem do sofrimento e da angústia, dado o contexto sociocultural tão profundamente diferente de suas experiências anteriores.

A dificuldade surgiu na narrativa de Korab. Quando tinha 12 anos, ele perdeu as pernas numa mina terrestre. Ele era originário de Rezalla, uma aldeia perto de Skenderaj, mas na época da entrevista ele morava com sua família em Pristina. Desde o acidente, Korab tem estado triste, recusando-se a falar e a frequentar a escola. Quando os alunos lhe perguntaram por que ele não ia regularmente à escola, respondia: *“Porque os meninos de Pristina iriam caçar de mim. Eles fariam: ‘Você é um menino da aldeia’”*. O medo de Korab, exacerbado por sua deficiência física, parece enraizado em um relacionamento realmente complexo entre os “cidadinos” e os “aldeões” que tinham acabado de chegar à cidade.

Além disso, os que chegavam da zona rural em Pristina traziam suas próprias experiências trágicas, estando presos a elas por memórias dolorosas. Essas memórias logo se tornaram a base de uma identidade coletiva, erguida para poderem se diferenciar das pessoas na cidade, e que legitimavam como a autêntica identidade nacional.²²

Azem, um cidadão de Pristina que havia passado os dois últimos anos no exterior, ficou chocado com um conflito que teve com um “aldeão” que conhecera por acaso num café, e lembrava a conversa áspera entre ambos. Em suas palavras:

Estava com um amigo meu, dizendo para ele que tinha acabado de chegar da Itália. Um rapaz, uma pessoa das aldeias, estava nos escutando. Logo interrompeu nossa conversa e se dirigiu a mim, falando alto. “Onde você estava? Onde você estava enquanto nós estávamos lutando contra o inimigo? Nós lutamos contra os sérvios, libertamos Kosovo! Nós demos a liberdade a Kosovo!” É assim que pensam, eles pensam que nós não temos nenhum direito em Kosovo porque não sofremos tanto quanto eles. Sempre tivemos mentalidades diferentes, mas agora existe muito mais tensão.

Por outro lado, os habitantes nativos da capital pareciam guardar sentimentos diferentes e, de alguma forma, contraditórios em relação aos aldeões recém-chegados e estabelecidos em Pristina. Reconheciam, primeiro, que o sofrimento dos habitantes das aldeias tinha sido maior durante a guerra. Essa verdade se integrou na memória coletiva de abuso que os próprios albaneses kosovares tinham sofrido. Esse sentimento foi expresso por Gentiana, que sempre morou em Pristina:

Nas aldeias, as pessoas tiveram experiências terríveis. Nada tão terrível aconteceu na cidade, mas na zona rural os sérvios mataram centenas de pessoas, incendiaram casas... Aqui as conseqüências da guerra não eram tão visíveis, mas, fora de Pristina, massacres terríveis foram cometidos; há aldeias onde não existe um homem com idade acima de 12 anos.

Porém, essa narrativa do sofrimento nas aldeias – apresentada como um símbolo do sofrimento da comunidade albanesa kosovar como um todo – tornou-se uma crítica preocupante sobre o uso que os aldeões fazem do passado como um meio de reivindicar vantagens no presente e sobre o radicalismo percebido na população rural. Azem, por exemplo (que provavelmente se sentiu tanto incluído como excluído da comunidade albanesa kosovar em razão do o tempo que morou no exterior e de suas intenções de retornar à Itália), expressou essa ambivalência sem vacilar:

Os aldeões vêm a Pristina e querem uma casa, querem um emprego, querem os melhores cargos, os cargos de poder. Eles querem tudo porque sofreram na guerra. É verdade que sofreram muito, mas não têm o direito de obter tudo o que pedem... E eles são os mais extremistas, nós não concordamos com eles porque são muito extremistas.

Além desse conceito de competição, muito alinhado com divisões na sociedade kosovar que aumentaram durante a guerra, também parece haver um desejo, entre os moradores da cidade, de se distanciarem do radicalismo político – que não é reconhecido por toda a comunidade albanesa, não podendo, portanto, ser aceito dentro da sua identidade coletiva.

Além disso, quando as conversas sobre os migrantes das aldeias se afastavam do tema de sofrimento desigual, os aldeões podiam se tornar objetos de zombaria e desabono. Segundo Lindita:

Eles não conhecem as regras. Acho que é uma questão de cultura. A cultura não é a correta. Porque não têm educação, e eles nunca saíram das aldeias, nem deixaram suas casas, portanto não sabem como é a vida. Então, quando vêm para cá simplesmente não sabem como se comportar e é assim que a gente os reconhece. Também por seu modo de vestir, pela maneira de falar.

Muitas piadas sobre “os aldeões” circulam e são cochichadas em toda Pristina, junto com estórias que os responsabilizam pelas más condições de vida na capital. Segundo Sevdie:

[Muitas] destas pessoas vieram a Pristina e ocuparam duas ou três casas, mas também ficaram com as que tinha na aldeia. E agora aqui em Pristina não temos casas suficientes.

Contradizendo isso, Adem disse aos estudantes que os “aldeões” não se importam com a casa (algo que ele considerava o mais importante investimento para uma família), preferindo usar o dinheiro ganho com seus empregos na cidade para comprar dois ou três carros. Em conseqüência, continuou ele, os aldeões supostamente não tinham um lugar para acomodar suas famílias e Pristina estava abarrotada de carros. Tomadas juntas, essas convicções nos lembram o estereótipo popular do “caipira”, além de salientar ainda mais a fragmentação da comunidade kosovo albanesa. Essa divisão também é percebida, com variados graus de consciência, pelos albaneses kosovares, embora sistematicamente soterrada pela sugestão de uma identidade nacional monolítica.

A migração da aldeia para a cidade também parece ter criado profundas fissuras dentro da comunidade sérvia kosovar na parte norte de Mitróvica. Em conversas com Vladimir, a imagem negativa dos “aldeões” ressurgiu, desta vez num tom ainda mais violento: “*Você pode reconhecê-los imediatamente*” (...) “*Eles são muito diferentes das pessoas que sempre moraram aqui. A forma de se comportar... como falam... Quando ouço eles falarem eu vomito*”. Nessa comunidade, os aldeões migrantes decaíram na estima da comunidade, passando de objeto de piadas a “bandidos”. Nas palavras de Vladimir: “*E como sobrevivem? Eles montam estes quiosques horríveis, estas lojinhas... ilegalmente, é claro. E eles roubam. Mais que outra coisa, roubam. Eles vêm para a cidade porque sabem que agora não há regras, nem controles. Eles são o excremento desta cidade*”. Aqui também o radicalismo político dos migrantes foi captado e responsabilizado, tanto pelas divisões dentro da comunidade sérvia, quanto pelas tensões entre sérvios e albaneses. Como continuou Vladimir:

Eles são extremistas. Eles não querem a paz. Dizem que os albaneses não querem a paz, mas a responsabilidade é deles. ELES não querem a paz. As pessoas da cidade são diferentes, embora não tomem nenhuma iniciativa... simplesmente os toleram. Não compreendo porque eles não fazem nada. Esses aldeões são o que mais me incomoda na situação atual no norte de Mitróvica.

Segundo a opinião geral sobre os migrantes das aldeias, Mitróvica não só vem assumindo uma posição política mais radical (com a conseqüente exacerbação da tensão entre sua comunidade e a albanesa), como também tem sofrido uma mudança na sua aparência, espaço de moradia e vida social. Disse Biljana, moradora de Mitróvica:

Estive com minha colega há alguns dias... e quando estávamos andando numa das ruas principais, eu disse: "Oh, você não acha que este lado da cidade se tornou rural demais, que está cheio de camponeses aqui?" [E ela respondeu] "Oh, você tem razão, realmente é assim!" Eu já tinha me dado conta, mas agora ela o confirmou. Quero dizer, nunca foi assim, têm pessoas sem gosto ocupando a calçada como se fosse delas, ou colocando estes receptáculos [os quiosques] onde bem entendem. A cidade, a arquitetura da cidade realmente está nojenta.

Os lugares e as pessoas não são mais considerados familiares como antes. "Existem muitos rostos novos, muitas caras que eu nunca havia visto antes", disse Vladimir, enquanto Biljana deu exemplo de um sentimento de desconforto na presença maciça de "pessoas estranhas".

Há uns dias, estava num bar com alguns amigos e queria ir ao apartamento de uma amiga para buscar uma coisa. Passei em frente a um café onde havia música ao vivo, e era bastante lindo. Olhei rapidamente para dentro e eu provavelmente não conhecia setenta por cento das pessoas, só conhecia algumas. E eu, antes, conhecia todos os jovens de Mitróvica. É gente demais... para um lugar tão pequeno, o norte de Mitróvica com certeza hoje é muito pequeno para tanta gente.

A defasagem entre a cidade e a zona rural parece tornar-se ainda maior se considerarmos as gerações mais jovens. Para os jovens de Pristina, a guerra deixou no seu rastro uma grande variedade de experiências profissionais potenciais e novas, que fizeram com que eles fossem cada vez mais diferentes dos rapazes e moças da mesma idade que moravam nas aldeias. O mercado de trabalho mudou completamente, a presença maciça de organizações internacionais tem influenciado fortemente sua estrutura.²³ Novas habilidades, desde línguas estrangeiras (especialmente o inglês) à competência com computadores e habilidade para dirigir carros, têm grande demanda. Isso, por sua vez, marginaliza ainda mais os jovens das áreas rurais, como disse Ardita:

Nas aldeias, por exemplo, nunca existiram cursos de inglês organizados. Você sabe, hoje em dia todas as organizações estão procurando funcionários locais, mas as pessoas das aldeias ainda não estão preparadas para isto. Mesmo que viessem morar em Prishtina, não poderiam trabalhar com estrangeiros, só poderiam vender cigarros... ou cartões telefônicos.

Em seus comentários, Ardita mencionou o trabalho que geralmente é considerado típico das pessoas que moram nas margens da sociedade, e assim deu a entender que a defasagem não é só uma questão de diferenças de salário, mas também de realização profissional, algo que se tornou o privilégio da geração mais jovem, desde que já ajustada à capital ou morando nela.

Da perspectiva da mulher

Heroísmo cotidiano

Entrevistas feitas com as mulheres de Kosovo revelaram uma consciência, embora um pouco confusa, da importância das diferenças de gênero na fragmentação de experiências passadas e presentes. Muitas vezes, as mulheres só falaram disso quando questionadas diretamente, não levantando o tema de forma espontânea. Nas comunidades albanesas kosovares, as mulheres entrevistadas imediatamente reconheciam as conseqüências adicionais dos conflitos sobre seu segmento da população, conscientes (como é bem conhecido) de que eram vítimas de estupro, que constituíam a maioria dos refugiados expulsos de Kosovo durante a guerra e que, ao retornar, tinham que enfrentar múltiplas perdas no interior das famílias e aldeias que haviam se tornado amplamente “feminilizadas”.²⁴ Mas os males suportados pelas mulheres geralmente eram apresentados, durante as entrevistas, como um fragmento singular da tragédia do povo albanês, que tanto agregava valor a esse fragmento (acrescentando o sofrimento das mulheres à imagem de sobrevivência dos albaneses) quanto minimizava sua importância, em comparação ao sacrifício mais “nobre” dos maridos, irmãos e filhos que morreram pela liberdade do seu povo. As mulheres entrevistadas moldavam assim seus relatos nos termos da narrativa coletiva, compartilhando suas memórias para poder reforçar a identidade comum de um povo. Apesar disso, o reconhecimento do seu próprio papel parecia surgir quando as mulheres mudavam sua memória da esfera coletiva e pública para o âmbito familiar e privado. Mães e esposas podiam, dessa forma, reivindicar um heroísmo diário em que elas eram líderes ativas. Conversando com Nazife, por exemplo, ela contou, com certo orgulho, como tinha conseguido alimentar sua família, apesar dos recursos muito limitados:

Quando a guerra começou eu estava numa posição muito ruim. Não tinha dinheiro, nem estoques de alimentos. Lenora²⁵ me deu alguma coisa... tínhamos só 600 DM. Eu sobrevivi

com isto junto com minha família por três meses e tinha um pouco para os próximos dias. (...) 600 DM para três meses e eu ainda tinha 200 DM quando a guerra acabou... Um pedaço de frango... só a coxa, para meu marido, o marido da minha irmã e eu... Preparei o almoço só com um pedaço de frango e... ficou ótimo!

Drita, outra entrevistada, lembrava, na sua história dolorosa, como tinha conseguido prover seus filhos durante a viagem que fizeram para Macedônia:

...Era muito difícil encontrar comida e também água. Como todas as outras pessoas, tínhamos tido que deixar a casa sem levar nada. Todas as aldeias foram incendiadas. Mas eu sempre consegui ter alguma coisa para as crianças. Sempre cuidei deles.

Mulheres no trabalho

A memória de “heroísmo diário” exigido dessas mulheres durante a guerra parecia encontrar continuidade em suas descrições do presente. Muitas das mulheres entrevistadas comentavam que, depois da guerra, os preços continuavam a subir, tornando cada vez mais difícil para elas enfrentar a grande alta no custo de vida com seus orçamentos familiares limitados (ou pobres). A ênfase que elas colocavam no seu papel como provedoras da família também parecia influenciar a forma como definiam suas próprias necessidades, que, na realidade do pós-conflito em Kosovo, quase sempre eram consideradas como de natureza monetária.

Durante as entrevistas, freqüentemente se enfatizava que mães e esposas, agora, mais do que nunca, precisavam urgentemente de emprego para poderem sustentar melhor suas famílias. Isso é especialmente verdadeiro, dado que muitas famílias tinham perdido os pais e filhos e por que, em razão do colapso econômico da guerra, o desemprego prevalecente estava acabando com o costume (muito marcado na zona rural) de que não se deveria permitir às mulheres trabalhar fora do lar. Trabalhando em uma oficina de artesanato de mulheres, instalada em Mitróvica por uma ONG italiana, uma mulher, portanto, comentou, concordando com suas colegas de trabalho:

Agora as mulheres são mais ativas, estão procurando se empregar mais do que antes da guerra. Naquela época não podíamos sair de casa porque o exército sérvio estava em todo lugar, mas estávamos numa situação econômica melhor. Agora precisamos encontrar emprego porque está difícil sobreviver. Nossa situação econômica antes da guerra era melhor do que agora, embora houvesse mais empregados sérvios do que albaneses.

A urgência na sua procura por trabalho poderia, primeiramente, ser atribuída a novas dificuldades para sustentar suas famílias, como as mulheres da oficina afirmavam. O dinheiro que ganhavam ali era desesperadamente necessário. Mais tarde na entrevista, porém, também admitiram que se pudessem voltar às condições de vida anteriores (uma casa confortável, um marido trabalhador), elas preferiam manter seus empregos extradomésticos. Como disse uma mulher: “*O melhor seria ter nossas casas como antes e continuar trabalhando. Agora não queremos parar de trabalhar*”.

As vantagens do trabalho para essas mulheres são, portanto, mais do que simplesmente financeiras. Sua habilidade para trabalhar permitia que elas forjassem relacionamentos além das famílias, e assim desenvolvessem uma rede de sociabilidade nova e mais ampla, que elas achavam necessária para poder lidar com as dificuldades que encontravam no Kosovo pós-conflito.

Patriarcado, tradição, identidade nacional

Para as mulheres albanesas kosovares, mais difícil do que reconhecer as vantagens do trabalho era compreender as suas experiências passadas e presentes dentro de um ambiente sociocultural caracterizado (especialmente nas áreas rurais) por um patriarcado rígido e persistente, em que os direitos das mulheres à educação, ao trabalho ou à participação nas decisões, tanto em casa como na esfera política, não eram amplamente reconhecidos. Essa estrutura patriarcal da família e da comunidade albanesa tinha sido adotada pelos sérvios kosovares como evidência da sua diversidade e das diferenças entre as culturas das duas comunidades,²⁶ embora um modelo patriarcal ainda exista entre os próprios sérvios.²⁷ A história relatada por Milica mostra-nos um exemplo disso:

Eu só gostaria de lhe contar que sinto pena somente das mulheres albanesas que sofrem abuso nesta guerra. Sinto pena dessas mulheres porque eu tive a possibilidade de estar com elas no hospital, antes da guerra. Já havia conflito entre sérvios e albaneses, você sabe, na floresta. Eu vi uma mulher albanesa, que ganhou [seu] quarto bebê... era jovem, acho que tinha 21 anos, mas ganhou a quarta filha mulher. E quando o marido soube que ela tinha dado à luz mais uma filha ele não queria levá-la para casa, e ela ficou ali até que o pai dela foi buscá-la. Senti muita pena dela, porque isto era muito insensato.

O relato de Milica, embora apresentado com preocupação e com solidariedade feminina, lembra a campanha para denegrir os albaneses, iniciada nos anos 1990, dirigida pelo regime de Milosevic. A propaganda iugoslava mostrava mulheres albanesas como vítimas,

atrasadas e incultas, “prisioneiras do patriarcado”, completamente sob o controle de pais e maridos que as tratavam como objetos e as reduziam a “fábricas de bebês”.²⁸ Entre as mulheres albanesas kosovares, porém, a família, com sua estrutura patriarcal, é altamente valorizada como a unidade básica da cultura de sua comunidade. Embora essa visão fosse alvo de uma convicção variada de uma pessoa para outra, os hábitos e costumes identificados com a tradição kosovo albanesa também são elementos fundamentais da identidade nacional. Os elos entre o patriarcado e a construção da identidade nacional, provavelmente até reforçada pela propaganda iugoslava e a radicalização do conflito, fazem com que se torne ainda mais difícil para as mulheres criticar o patriarcado e reconhecer suas próprias necessidades e expectativas, tanto como mulheres individuais, quanto como grupo. Como já foi demonstrado, o nacionalismo proíbe qualquer conflito que possa comprometer a estabilidade das relações de gênero, já que essa estabilidade é um dos pilares que unem e mantêm a própria nação unida.²⁹

Esse contexto complicado cria uma confusão de contradições que, muitas vezes, surgem nos relatos de mulheres. Enquanto algumas descreveram a si próprias como as guardiãs desses valores “tradicionais”,³⁰ outras se colocaram no centro do furacão de novas experiências de vida criadas pela guerra e por outras transformações rápidas da realidade kosovar emergente após a guerra. Leonora e Nazife, por exemplo, reconhecem que é dever da mulher acolher e entreter qualquer convidado (em geral parentes) que visita sua família. Isso é considerado um processo cansativo: as visitas chegam muitas vezes, “especialmente em famílias grandes, compostas de muitas pessoas, sogros, cunhados, etc.”, geralmente de improviso, e recebê-los requer tempo afastada de outros afazeres domésticos (necessários). Mas dizem que “a vida é assim”, e as mulheres não podem escapar de suas obrigações.

Não obstante, por causa das mudanças em suas vidas cotidianas, os circuitos de sociabilidade e visitas se tornaram mais complicados para mulheres que lutam para conciliar hábitos antigos com suas novas atividades. Esse sentimento foi expresso por duas amigas: “*Agora trabalhamos muito mais do que antes da guerra e não temos tempo para nos visitar*”. Nazife trabalhava em tempo integral para uma ONG alemã, enquanto Leonora continuava a trabalhar como cabeleireira, mas também fazia vários cursos (inglês, informática). Seu objetivo era aumentar suas habilidades e ampliar suas chances de encontrar um emprego melhor.

Esses conflitos criados pela difícil combinação de modos de vida antigos e novos pareciam mais comuns entre a geração mais nova. Mulheres jovens, especialmente, tinham encontrado na tragédia da guerra e da migração forçada a oportunidade de experimentar

uma autonomia maior e novas formas de responsabilidade. Sadete, por exemplo, uma estudante de direito de 29 anos, estava envolvida no gerenciamento de um campo de refugiados onde tinha procurado abrigo junto com sua família:³¹

Uns dias [depois] da minha chegada ali, uma reunião [foi organizada] para criar um grupo com todos os intelectuais, como professores, estudantes e pessoas que falavam outras línguas, para que pudessem [mais facilmente] se comunicar com organizações que queriam ajudar os albaneses de Kosovo... Eu fiquei sabendo dessa iniciativa e alguém sugeriu [que eu] participasse da reunião. Eu fui junto com meu pai e meu tio. Perguntaram a cada um de nós quais eram nossas profissões, e eu disse que era estudante de direito e falaram que eu poderia ser útil para eles... Logo falei que sabia um pouco de inglês e a partir dali fiquei envolvida em todas as atividades do conselho... então éramos como os gerentes do acampamento. Éramos onze pessoas, duas mulheres e nove homens... trabalhávamos o tempo todo...

Essa foi a primeira experiência de trabalho de Sadete, que não só ajudou a preencher os dias vazios da vida de uma refugiada, mas fez com que ela se tornasse conhecida no acampamento, permitiu que se conectasse com muitas organizações internacionais, ajudou a melhorar o seu inglês e também ampliou suas habilidades para que pudesse encontrar emprego. Ela saiu dessa experiência com um senso forte de utilidade e poder, de realização pessoal e profissional, num forte contraste com a “impressão que você só tem a alma, o corpo e mais nada”, que tantas vezes é central nos relatos de refugiados. Depois de sua experiência no acampamento, tornou-se mais fácil para Sadete arrumar um emprego dentro de uma organização internacional. Desde o dia daquela reunião no campo de refugiados, Sadete nunca parou de trabalhar.

A presença maciça de organizações internacionais e ONGs é significativa, porque fornece novas oportunidades de emprego para um maior número de mulheres e também porque oferece modelos alternativos de papéis femininos; além disso, as formas e os ritmos de suas vidas cotidianas estão mudando pelo fato de as mulheres de Kosovo retomarem sua liberdade de movimento e de novas formas de entretenimento surgirem. Lindita, Mimoza e Blerta são três amigas, todas entre 20 e 30 anos de idade, que moram em Pristina. Durante os bombardeios da Otan, elas foram refugiadas no exterior, mas voltaram imediatamente após o fim da guerra. Mimoza e Blerta voltaram antes de suas famílias, portanto, as três amigas moravam juntas e viveram um período de extraordinária independência. Elas disseram: “*Bom, nossos pais antes nos deixavam muito livres também, mas durante esse período era diferente... Era... Era muito bom. De fato, ficamos tristes quando nossos pais voltaram*”. Ao mesmo tempo, estavam empregadas por diferentes agências internacionais e seu trabalho dava uma certa independência financeira (só Mimoza entrega

uma parte do seu salário à família). Se, até então, não haviam pensado em começar a trabalhar sem ter completado os estudos, a guerra as deixou num ambiente diferente, apresentando-lhes oportunidades que nunca antes poderiam imaginar. As três amigas passam o tempo livre em bares, cafeterias e boates. Elas disseram aos entrevistadores que estavam tentando se divertir, já que estar “cara a cara com a morte” tinha-lhes ensinado “o sentido da vida: sentir-se livre para fazer o que quiser”.

Lindita, Mimoza e Blerta também achavam que as relações de gênero ficaram diferentes na Kosovo do pós-guerra:

Blerta: Aqui em Pristina, há três ou quatro anos, só havia moças e um número pequeno de rapazes, porque muitos deles estavam trabalhando no exterior. Acho que naquela época cada rapaz tinha três ou quatro namoradas.

Lindita: Talvez mais! Mas agora penso que é meramente um costume do passado. Tinham muitas namoradas, por exemplo a maioria namorava por duas semanas e depois rompia e começava a namorar outra, era um hábito. Portanto, se você conseguia ficar com alguém por mais de duas semanas, era um bom relacionamento. (...) Eu acho que o número hoje é igual, é metade moças e metade rapazes, porque muitos rapazes voltaram de fora e ficaram aqui, e finalmente eles entenderam que eles não são deuses.

De fato, pesquisas estatísticas documentando as proporções de homens e mulheres entre as idades de 20 e 49 anos ainda registram um desequilíbrio, talvez devido ao número de moços jovens mortos durante a guerra. Conseqüentemente, haveria 118 mulheres para cada 100 homens.³² Esse sentido de maior igualdade poderia, portanto, indicar uma percepção de que as relações de gênero mudaram, realinhadas em novas fronteiras para refletir o novo senso de independência que as moças jovens estão começando a viver.

Essas mudanças nas relações de gênero também afetam as percepções das mulheres sobre seus próprios papéis dentro da comunidade. Quando Mimoza, Blerta e Lindita falaram do futuro, elas não excluíram a possibilidade de casar com um estrangeiro, algo que poderia acontecer se fossem estudar em outro país, o que seria também provável dado o número de trabalhadores internacionais que atualmente estão em Kosovo. A abertura expressa pelas três amigas poderia se dar pelo fato de suas entrevistadoras serem mulheres estrangeiras e, portanto, representativas de uma sociedade que valoriza um modelo completamente diferente de feminilidade. Por outro lado, sua tolerância também mexe com o papel tradicionalmente valorizado de mulheres como as guardiãs conservadoras de costumes e cultura. O casamento de uma mulher kosovar com um estrangeiro é geralmente proscrito pela tradição. Além disso, muitos dos entrevistados chamaram a atenção para o

fato de que, embora seja raro um albanês kosovar casar-se fora da comunidade, isso não representaria um problema específico. No caso de uma mulher albanesa kosovar casar com um estrangeiro, porém, “*Todo mundo diz que isto não é bom*”.

Hasime, que tem quase 50 anos, vive em Mitróvica e trabalha num centro de mulheres implantado por uma ONG italiana, identificou esse costume como uma das maiores diferenças culturais entre albaneses kosovares e sérvios kosovares. Na sua narrativa, a prática de assegurar que mulheres kosovares albanesas casem dentro da sua etnia (um costume que é de fato muito comum na área do Mediterrâneo) foi orgulhosamente apresentada como evidência de uma identidade coletiva forte entre albaneses, uma característica que se presume esteja faltando na comunidade sérvia:³³ “*Nós temos nossa tradição, eles não têm nada. Eles não se importam. Por exemplo, as mulheres não casam com alguém que não seja albanês. Eles o fazem*”.

Para Nazife e Leonora, portanto, a proibição de uma mulher se casar com um estrangeiro era um “localismo”, que elas prognosticavam não iria durar muito tempo:

Nazife: *Penso que aqui também irá passar, está começando a passar... No momento este tipo de regra ainda tem poder em Kosovo.*

Pergunta: *Você acha que isto é bom ou ruim?*

Leonora: *Não sei.*

Ela parecia confusa pela coexistência de novas maneiras de viver e valores antigos, uma situação complicada mais ainda pelo ritmo rápido da transformação, que não permitia às experiências das mulheres entrar no âmbito da consciência pública.

Passado, presente e identidades

A construção da memória e a descrição do presente parecem ser processos que seguem diferentes caminhos. Por um lado, os dois convergem numa voz coletiva principalmente dirigida à comunidade internacional, uma voz que pretende se afirmar como uma expressão singular de uma identidade nacional monolítica, sólida, enraizada em tradição e forjada pelo conflito que dura há muito tempo. Os componentes básicos dessa identidade foram caracterizados como sofrimento (que, claro, não se torna menos real pelo seu papel

na construção da identidade coletiva) e como autopiedade. Essas duas características são típicas de discursos nacionalistas na região dos Balcãs, como os estudos sobre a região têm mostrado.³⁴ De acordo com essa perspectiva, as memórias de sofrimento passado e descrições de lutas presentes são todas consideradas atribuíveis a uma causa que diz respeito à comunidade inteira, uma preocupação coletiva. O sofrimento, a dor e a luta são elevados das esferas privada e individual à esfera pública, o que tem resultado em segurança e apoio. O sofrimento psicológico, assim, torna-se uma parte constitutiva dessa auto-representação de “autopiedade” e reivindica uma linhagem do “trauma” produzido pela guerra e suas conseqüências. Esse discurso coletivo, porém, não consegue reconhecer os caminhos individuais, a variedade de contextos familiares e sociais e a especificidade das necessidades do indivíduo. A voz coletiva tende a negar as diferenças no interior de si mesma, para poder projetar uma imagem de coesão interna e homogeneidade capaz de funcionar por si mesma, em contraste com comunidades externas.

Por outro lado, os relatos também revelaram diferentes memórias do passado e percepções variadas do presente, expressando a complexidade de uma situação: o conflito produziu e ainda gera luto e angústia, mas também teve, e ainda tem, outros efeitos, como espaços de autonomia desconhecidos, conflitos entre realidades diferentes (alguns envolvem a tensão de pertencer a uma comunidade específica) e a experiência de novos recursos. Uma pluralidade de vozes tem emergido ao longo das fronteiras marcadas por experiências individuais, como também por aquelas criadas por gênero e divisões geracionais e socio-culturais. Essas fronteiras têm crescido até dentro dos limites de uma comunidade nacional. Essas vozes múltiplas expressam sinais sobre novos equilíbrios e sobre o crescimento de contradições, lacerações e rupturas produzidas pela experiência da guerra e pela rápida transformação do contexto no qual a guerra se originou. O contraste entre áreas urbanas e rurais tem se aguçado como uma separação social e política. O *status* das mulheres e das gerações mais jovens começou a mudar. Esses processos e a percepção deles podem gerar um senso de desorientação, perda e incoerência, e podem ser vividos muitas vezes com dificuldade, dor e um sentimento de culpa em níveis individual ou coletivo. Ao mesmo tempo, no entanto, essas diferentes mudanças e experiências também devem ser percebidas como recursos, pois formam um obstáculo à construção de uma identidade coletiva que é rígida, monolítica e baseada numa homogeneidade interna da comunidade. Ao contrário, reintroduzem a pluralidade, que se torna possível pela multiplicidade dos caminhos dos indivíduos, mas que se constrói sobre características comumente compartilhadas.

Já foi demonstrado que uma “comunidade estoriada” pode prover um senso de segurança, tanto para os indivíduos, quanto para a coletividade. Nas palavras do Dr. Renos Papadopoulos:

Estórias de flexibilidade baseadas em valores tradicionais, experiências históricas, convicções religiosas, crenças ideológicas, posições políticas, etc., podem ser muito úteis para prover um contexto sólido e seguro que possa se contrapor a todos os sentimentos de ser uma vítima sem defesa.³⁵

Para poder ser incluída na construção de uma comunidade saudável, porém, cada história precisa entregar o palco para vozes múltiplas e dar valor à variedade de narrativas. A tomada de consciência das diferenças existentes dentro dos limites erguidos ao redor da comunidade é o primeiro passo necessário para quebrar esses próprios limites. Além disso, tal consciência permitiria o reconhecimento e a aceitação desses “outros”, cujas similaridades e diferenças não podem ser meramente consideradas como descendentes de seu pertencimento nacional.

Tradução autorizada em junho/2003

Notas

* Texto publicado em *Psychological Notebook*, v. 2, October 2001, IOM International Organization for Migration, Suíça-Genebra, pp. 15-52.

** Ph.D., historiadora, Project Officer em Pristina para os Arquivos de Memória em 1999-2000, atualmente consultora para a Unidade de Integração Psicossocial e Cultural, IOM Liaison Mission na Itália e Escritório de Coordenação Regional para o Mediterrâneo, Roma.

*** Yara Khoury, professora do Departamento de História, PUC-SP.

¹ Todos os nomes usados neste documento são pseudônimos.

² Ver LOSI, Lino. Introdução ao volume 1. *Psychological Notebook*, op. cit.

³ Para nomes geográficos, alternei as ortografias albanesa e sérvia, usando a mais apropriada conforme o contexto. Ao fazer isso, tenho levado em consideração o uso comum da ortografia sérvia na literatura ocidental.

⁴ OSCE. *Kosovo/Kosova. As Seen, As Told. An Analysis of the Human Rights Findings of the OSCE Kosovo Verification Mission October 1998 to June 1999*, OSCE, ODHIR, 1999, parte I, p. 312.

⁵ UNHCR – OSCE. *Assessment of the Situation of Ethnic Minorities in Kosovo (period covering June through September 2000)*, 2000, pp. 38-39. <http://www.unhcr.ch/world/euro/seo/protect/minoritymenu.htm>

⁶ OSCE, ODHIR, op. cit., 1999, parte II.

- ⁷ ANTZE, P. e LAMBEK, M. (eds.). *Tense Past. Cultural Essays in Trauma and Memory*. New York/London, Routledge, 1996, xvii.
- ⁸ Dados coletados pelo KFOR italiano, instalado em Gorazdevac (1º Reggimento Artiglieria da Montagna – Grupo “Aosta”), que amavelmente os cederam para nós.
- ⁹ Os estudantes conheceram Sofije e sua família em três sessões durante o trabalho de campo clínico.
- ¹⁰ Em suas aulas sobre Family Psychotherapy, oferecidas durante o curso de treinamento em Pristina, Renos Papadopoulos apontava que a “estória dominante” enfocada no “trauma” geralmente esconde uma “estória subjugada” que deve ser trazida à tona para poder colocar o sofrimento psicológico em um contexto mais amplo. Dirigir o relato para a “estória subjugada” é uma condição básica para evitar casos em que “as pessoas estão de certa forma ‘traumatizadas’ pelo ‘trauma’”.
- ¹¹ De acordo com Jean-Marie Lemaire, a identificação de “recursos residuais” (a escolha do termo serve para nos lembrar de que “nem sofrimento nem patologia podem ser esquecidos”) é um componente básico ao apoio dado pelo psicoterapeuta às famílias necessitadas; ver LEMAIRE, J. M. “Disconcerting humanitarian interventions, and the resources of collective healing”. LOSI, L. (ed.). “Psychosocial and Trauma Response in War-Torn Societies. The Case of Kosovo”. *Psychosocial Notebook*, vol. 1. Genebra, IOM, 2000.
- ¹² O papel desempenhado pelas demonstrações na construção da memória individual e coletiva já foi analisado em MERTUS, J. A. *Afghanistan*. Bloomfield, Kumarian Press, 1999.
- ¹³ MALCOLM, N. *Kosovo: A Short History*. New York, New York University Press, 1998, pp. 378-379.
- ¹⁴ *Ibidem*, pp. 382-385.
- ¹⁵ DUIJZINGS, G. *Religion and the Politics of Identity in Kosovo*. London, Hurst & Company, 2000, pp. 5-18.
- ¹⁶ PRICA, I. e POVZRANOVIC, M. “Narratives of refugee children as the ethnography of maturing”. In: KIRIN, Jambresic e POVZRANOVIC, M. *La balcanizzazione della ragione*. Roma, Manifestolibri, 1996; VRECER, N. “The Lost Way of Life: The Experience of Refugee Children in Celje from 1992 to 1994”. In: *Idem*, 1996.
- ¹⁷ OSCE, op. cit., 1999, parte I, pp. 26-28.
- ¹⁸ VICKERS, M. *Between Serbs and Albanians: A History of Kosovo*. New York, Columbia University Press, 1998, pp. 170-171.
- ¹⁹ Ardita também afirmou que: “O povo de Pristina não estava expressando muita solidariedade às pessoas que chegavam das regiões afetadas pela guerra. Só alguns deles receberam refugiados de lugares perigosos e muitos refugiados foram melhor recebidos e colocados nas redondezas e não na cidade... e alguns habitantes de Pristina não queriam saber dos refugiados que chegavam das regiões em guerra, eles não os abrigaram nem os ajudaram... ficaram indiferentes a eles...”.
- ²⁰ Os 39,44 % das pessoas que deixaram as áreas rurais durante a guerra não voltaram às aldeias depois do fim do conflito, mas se mudaram para as cidades (elaboração da autora baseada em dados disponíveis na International Organization for Migration, 2000, p. 35). A migração das zonas rurais para as cidades deve ser compreendida dentro da mais complexa transição de comunidades agrárias a sociedades industriais que tiveram um papel básico em fomentar conflitos étnicos em toda a área dos (Balcãs). Ver IVEKOVIE, I. *Ethnic and Regional conflicts in Yugoslavia and Transcaucasia. A Political Economy of Contemporary Ethnonational Mobilization*. Ravenna, Longo Editore, 2000.
- ²¹ ROUX, M. *Les Albanais en Yougoslavie, Minorité nationale, territoire et développement*. Paris, Maison des Sciences de l’Homme, 1992, p. 322.

- ²² O contraste entre cidade (como um lugar com uma tradição de coexistência e multiculturalismo) e zona rural (como um lugar onde o nacionalismo é mais radical) é típico em toda a ex-Iugoslávia. Em toda parte, migrações de áreas rurais para urbanas têm complicado a situação de modo significativo. Ver IVEKOVIC, I. *La balcanizzazione della ragione*. Manifestolibri, Roma, 1995, pp. 38-40.
- ²³ Para uma análise mais ampla do impacto de organizações internacionais, ver PANDOLFI, M. "Disappearing boundaries: notes on Albania. Kosovo and the humanitarian agenda". In: LOSI, L. op. cit., 2000.
- ²⁴ OSCE, op. cit., 1999, parte I, pp. 122-126.
- ²⁵ Uma amiga íntima dela, também presente na entrevista.
- ²⁶ Sobre o papel desempenhado pela cultura na construção da "identidade étnica", ver JENKINS, R. *Rethinking Ethnicity. Arguments and Explorations*. London, Sage, 1997; GOVERS e VERMUELEN (eds.). *The Politics of Ethnic Consciousness*. Basingstoke, Macmillan, 1997.
- ²⁷ Ver a contribuição de Nicola Mai, em *Psychosocial Notebook*, v. 2, October 2001, Genebra, IOM, pp. 87-135.
- ²⁸ BRACEWELL, W. Women, Motherhood, and Contemporary Serbian Nationalism. *Women's Studies International Forum*, 14, Oxford, 1996, pp. 26-27.
- ²⁹ MILIC, A. "Nationalism and Sexism: Eastern Europe in Transition". In: CAPLAN, R. e FEFER, J. (eds.). *Europe's New Nationalism. States and Minorities in Conflict*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1996.
- ³⁰ Sobre o papel atribuído pela comunidade às mulheres em manter as "fronteiras culturais" construídas, ver YUVAL-DAVIS, N. *Gender and Nation*. London, Sage, 1997, pp. 39-66.
- ³¹ Sobre a experiência das refugiadas albanesas kosovares dentro das estruturas de recepção oferecidas pela organização internacional, ver MERTUS, J. A. *War's Offensive on Women. The Humanitarian Challenge in Bosnia, Kosovo and Afghanistan*. Bloomfield, Kumarian, 2000.
- ³² Há 93 mulheres de até 19 anos para cada 100 homens; para mulheres entre 50 e 59 anos existem 99. Ver International Organization for Migration, 2000, p. 25. Kosovo, May, 2000. *Demographic, socio-economic and reproductive health survey*. Basic results, <http://www.iom.ipko.org>.
- ³³ O testemunho de Hasime nos dá um exemplo do fenômeno – amplamente difundido nos Bálcãs – de contestar as identidades de outras comunidades; ver DUIJZINGS, G. *Religion and the Politics of Identity in Kosovo*, op. cit., p. 15.
- ³⁴ Ver DUIJZINGS, G., op. cit., p. 158 e referências dadas pela autora. Para um estudo mais geral do papel central que o trauma e a vitimação desempenham nas políticas da memória, ver ANTZE, P. e LAMBEK, M. *Tense Past. Cultural Essays in Trauma and Memory*, op. cit., 1996.
- ³⁵ PAPADOPOULOS, R. Storied Community as a Secure Base. *The British Journal of Psychotherapy*, 15, 1999, p. 3.